



Primavera, 22 de Outubro de 2016.

Movimento(s).

*O sol nasce o dia começa,
e tudo se coloca em movimento.
A energia se transfere, mobiliza.
O ar ascende, regozija.
O vento assovia, aterroriza.
A tempestade, assombra.
E o calor, sufoca.
Mas a cidade suporta.
Sobrevive, como seus habitantes.
Heróis em uma selva de pedra,
cujo seus destinos tão incertos,
ainda assim, guardam em si,
a certeza de um novo porvir
(Edson Fialho)*

A cidade é o lugar da morada. Hoje, a maior parte da população mundial reside no meio urbano. E junto a essa concentração, os problemas inerentes ao modo de ocupação intensiva, propiciaram a perda de qualidade de vida, na medida em que, durante o processo de expansão das cidades, não se tentou favorecer a convivência entre os elementos da natureza e a superfície urbana. Com ruas, e avenidas, que não suportam o número excessivo de veículos, que aumentam a emissão de material particulado e gases na atmosfera, que pioram a qualidade do ar sob condições de tempo estáveis. Depois, quando da estabilidade rompida, sistemas frontais favorecem a formação de chuvas, que se depara com áreas impermeáveis, dificultando à infiltração da água da chuva, que escoam em direção aos canais fluviais, que tem sua vazão elevada rapidamente. Tal balanço ocasiona as enchentes e demais transtornos à cidade. Passado esse momento, o tempo (meteorológico) melhora, após um belo dia de céu brigadeiro, a cidade volta a sua rotina de desconforto térmico, principalmente, nas áreas desprovidas de áreas verdes e arborização.

Nesse ambiente, onde as relações entre as dinâmicas sociais e ambientais são intensas, A Geografia se debruça, a fim de descortinar os processos envolvidos na trama da rotina diária da vida na cidade. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a 40 anos, escreveu uma obra singular: Teoria e Clima urbano, que iluminou um campo de estudo até então não explorado pela climatologia geográfica, o clima urbano.

Todavia, apesar da publicação da obra ter sido em 1976, o primeiro empírico publicado em 1977 por José Roberto Tarifa, em São José dos Campos, um grande hiato ocorreu, e apenas na década de 1990, quando a Revista *Geosul* (UFSC), publica um número dedicado aos trabalhos de clima urbano em Florianópolis, do professor Carlos Augusto em parceria com a professora Maria Lourdes Sezerino, parece que há um melhor entendimento a respeito dos preceitos teóricos da obra Teoria e Clima Urbano. Tanto assim, que ao nos defrontarmos com os anais do terceiro Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (SBCG), organizado pela Professora Neyde Maria Santos Gonçalves (UFBA), no ano de 1998, na cidade de Salvador, 30% do total de trabalhos, já abordava a temática do clima urbano.

Ao longo dessa caminhada, no ano de 2000, durante o IV SBCG, Carlos Augusto é homenageado pela primeira vez pelos seus pares e recebe da Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição pela qual se formou em Geografia, o título de Prof. *Honoris Causa*. E a Associação Brasileira de Climatologia, ABClima, é fundada, tendo como primeira presidenta Profa. Ana Maria de Paiva Macedo Brandão.

E hoje, a ABClima, juntamente com a Revista de Geografia da Universidade de São Paulo (RDG-USP), procura neste número especial, homenagear os 40 anos de Teoria e Clima urbano, que é uma obra de referência, no cenário dos estudos climáticos urbanos, além de fomentar os debates acerca das questões climáticas e difundir a produção científica da climatologia geográfica brasileira, que tem como um de seus alicerces, a obra que este número especial celebra.

Nesta RDG-USP, edição especial, que é composta de textos de professores de diferentes gerações. A produção deles revela uma maturidade da pesquisa, como demonstra a utilização de novas tecnologias nos estudos de clima urbano. Esse conjunto de trabalhos oferece interessantes contribuições ao longo dos 13 artigos aqui publicados, que abordam o estudo do clima urbano, por meio dos canais de percepção propostos por Monteiro (Térmico, Impacto Meteorológico e Qualidade do ar).

Inicialmente, Lucí Hidalgo Nunes, em *A percepção do espaço e o espaço da percepção: o ritmo, o habitual, a incerteza e o extremo no entendimento das situações atmosféricas do cotidiano e do não cotidiano*, procura discorrer teoricamente, como a alguns componentes muito presentes na produção acadêmica de Monteiro voltada para a climatologia, e como elas influenciam o entendimento geográfico do clima no Brasil.

Em, *Adentrando a cidade de Pelotas/RS para tomar-lhe a temperatura*, Erika Collischonn, homenageia Monteiro, parafraseando o seu artigo publicado na Revista Geosul, n. 9 em 1990, denominado: Adentrar a cidade para tomar-lhe a temperatura, apresenta experimentos em clima urbano realizados na cidade de Pelotas inspirados nos esquemas propostos por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

Antonio Carlos da Silva Oscar Júnior aborda o canal da qualidade do ar, entre 2004 e 2009, através dos dados diários e horários das estações automáticas do INEA, considerando o parâmetro Partículas Totais em Suspensão – PTS em *Avaliação do subcanal físico-químico em Duque de Caxias (RJ): a influência das políticas municipais de ordenamento territorial no clima urbano*.

O artigo intitulado *Eventos de precipitação extrema e impacto meteorológico na bacia hidrográfica do Igarapé Cereja, área urbana de Bragança-PA, durante o inverno amazônico de 2014*, Tarcísio Oliveira da Costa, Cássio Arthur Wollmann, analisam eventos de precipitação extrema e impacto meteorológico na bacia hidrográfica do Igarapé Cereja, área urbana de Bragança-PA, durante o inverno amazônico de 2014.

Ainda abordando o canal do impacto meteorológico, Ranyere Silva Nobrega, Raphael Felipe de Lima Farias ao escreverem: *Eventos extremos pluviométricos em Jaboaão dos Guararapes: climatologia e estudo de caso* analisaram a variabilidade da precipitação pluviométrica, com foco nos episódios extremos (positivos) e a sua repercussão na sociedade através da ocorrência de enchentes e/ou inundações, em especial no evento de junho de 2005.

Carlos Henrique Jardim, Marina Rozendo Silva em *Extremos de temperatura do ar em Belo Horizonte: Variabilidade natural e influência do clima urbano* buscaram verificar a dimensão temporal dessas transformações no clima, para isso, foram analisados os dados de temperatura máxima e mínima nos municípios de Belo Horizonte e Ibirité (Minas Gerais-Brasil), para o período de 1961-2014.

Cássia Castro Martins Ferreira e Daiane Evangelista Oliveira no trabalho *Estimativa da poluição veicular e qualidade do ar nas principais vias do sistema viário da região central da cidade de Juiz de Fora – MG*, estimaram a contribuição da poluição veicular, permitindo conhecer a quantidade de CO e NO_x, além de elaborar mapeamentos temáticos da área de estudo com a finalidade de avaliar a contribuição do espaço urbano nos processos de dispersão/concentração da poluição nos diferentes pontos de contagem veicular.

Ainda em território mineiro, *Impactos da expansão urbana na porção norte do município de Nova Lima (MG) sobre o clima*, Lilian Aline Machado e Wellington Lopes Assis, analisam as relações entre os componentes urbanos e geocológicos em interação com a atmosfera no setor norte do município de Nova Lima (MG), que passa por um acelerado processo de expansão urbana e verticalização.

Partindo de Curitiba, a temática da qualidade do ar retorna a pauta, com Francisco Assis Mendonça, Francisco Jablinski Castelhana em *O clima e a poluição do ar por PTS em Curitiba –PR*, aborda a relação entre a qualidade do ar e o clima urbano desenvolvido com a aplicação da proposta de SCU – Sistema Clima Urbano – de Monteiro (1976).

Já José Carlos Ugeda Júnior e Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim, considerando a proposta do Sistema Clima Urbano – SCU, Monteiro (1976), refleti sobre os seus pressupostos teórico-metodológicos, bem com sua aplicabilidade e os avanços técnicos verificados nas últimas décadas, no trabalho *Reflexões acerca do sistema clima urbano e sua aplicabilidade: Pressupostos teórico-metodológicos e inovações técnicas*.

Charlei Aparecido da Silva continua a promover reflexões do SCU, mas agora especificamente sobre o canal de qualidade do ar para a cidade de Dourado-MS, cujo estudo *Técnica de pesquisa em clima urbano com foco no subsistema físico-químico*, objetivou apresentar técnica de pesquisa com foco no subsistema físico-químico, bem como discutir um roteiro teórico-metodológico que valorize e incorpore a dinâmica climática da área de estudo, as condições dos tipos de tempo, as características do sítio urbano, o padrão construtivo, o processo de produção do espaço urbano e o uso do Handheld Laser Particle Counter modelo P311 da marca Airy Technology.

Dentro do contexto da qualidade do ar, mas agora relacionado com a saúde, Karime Pechutti Fante e Núbia Beray Armond no trabalho *Ondas de frio e enfermidades respiratórias: análise na perspectiva da vulnerabilidade climática* abordam as repercussões das dinâmicas dos elementos atmosféricos no território são deflagradas, fundamentalmente, pelas formas através das quais o espaço geográfico é produzido pelos grupos sociais em Piracicaba, SP.

E para finalizar, mas não esgotar o tema clima urbano, Alindomar Lacerda Silva e Edelci Nunes Silva em *Aspectos do campo higrétrico e a formação da ilha de calor urbana no município de Sorocaba-SP* em seu trabalho faz uma análise comparativa da temperatura do ar e a umidade relativa do ar na zona rural e urbana e identificar a formação da ilha de calor urbana, do município de Sorocaba.

A todos uma excelente leitura.

Edson Soares Fialho (ABCLIMA-UFV)

Emerson Galvani (USP)

